

UMA REFLEXÃO EPISTEMOLÓGICA SOBRE A CONSULTA HOMEOPÁTICA

AN EPISTEMOLOGICAL REFLECTION ON HOMEOPATHIC CONSULTATION

ROSANA CERIBELLI NECHAR¹

A consulta homeopática tem um lugar muito especial na terapêutica da Homeopatia, pela quebra de paradigmas presentes na formação médica hegemônica, onde a visão mecanicista não contempla espaço para terapêuticas que envolvam outra lógica. Portanto, na abordagem homeopática é preciso reconfigurar a consulta médica, onde no lugar de buscar sintomas e contemplar apenas o diagnóstico clínico, para estabelecer um tratamento para patologias pré-classificadas com protocolos pré-existentes, busca-se padrões e causas, para diagnósticos clínico e individual, entre outros, para tratamento dos sintomas de uma forma integrada, buscando a cura ideal, para que o indivíduo atinja os altos fins de sua existência, conforme preconizou o criador da Homeopatia.

Samuel Hahnemann, em seu tempo, passou a conceber a enfermidade como uma nova ordem na manifestação da vida. Uma ordem coerente, que havia descoberto tanto nas patogênias como no homem enfermo. Uma nova ordem no modo de sentir e agir de cada parte do organismo (mente/corpo) e no organismo em geral. Descreveu a doença como uma tentativa não sucedida, ou uma maneira equivocada da força vital do organismo em recobrar a estabilidade dinâmica que o anima. Deixou claro que a mudança da força vital ocorre em todas as partes, e quase ao mesmo tempo, e que as alterações observadas “de fora” são a imagem ordenada do que não podemos ver na energia vital interna. Definiu os sintomas homeopáticos como manifestações deste estado alterado, que adquirem valor em seu conjunto, em sua totalidade, dizendo que a nova ordem se fundamenta em uma predisposição individual.

Neste sentido aguçado de lógica, construindo a doutrina homeopática em um trabalho obstinado de rigor científico, onde a reconfiguração do processo saúde – doença se fazia necessária, observou várias questões com respeito à relação médico-paciente e à postura do profissional na abordagem homeopática, sendo a consulta o instrumento ou ferramenta da maior importância no tratamento homeopático.

Durante a formação médica convencional, a prioridade em uma anamnese é a objetivação de dados do paciente, para enquadrá-lo em um diagnóstico pré-classificado, o mais precisamente possível, para formular um prognóstico e estabelecer as condutas médicas padronizadas. A ação comunicativa durante uma consulta homeopática, por ser única e singular, leva à necessidade de ampliar o formato do aprendizado, enquanto técnica semiológica. Quando o paciente procura um médico para um atendimento homeopático, durante a coleta de dados nada pode ser pressuposto, ao contrário de seu treinamento anterior, onde rotineiramente tudo é pressuposição. Na fase de anamnese homeopática, a probabilidade em se traçar um prognóstico preciso é mínima. Por lidar com a incerteza e a indeterminação, é preciso despojar-se da tradicional onipotência médica, especialmente da ideia de que podemos nos manter no controle absoluto de uma situação imprevisível.

Palavras-chave:

Consulta homeopática; Anamnese; Sintomas; Epistemologia; Ação comunicativa; Vitalismo.

¹ Médica especialista em Pediatria (SBP/AMB) e Homeopatia (APH/AMB), Mestre em Educação (UEL), Diretora da Comissão de Educação da AMHB, Coordenadora do Centro de Especialização em Homeopatia de Londrina (CEHL).

sível, e de que isso pode ser benéfico ou desejável. Conforme Rosenbaum (2008), “trata-se de um exercício de controle: há que se suscitar uma capacidade (cúmplice, se possível) de surpreender-se.”

Durante a anamnese homeopática é realizado um mapeamento dinâmico do adoecer do enfermo com seus sintomas, conectando as instâncias biológicas com as suscetibilidades individuais, em uma tessitura construída unicamente para cada indivíduo.

No parágrafo 7 do “Organon da Arte de Curar”, Hahnemann explicita que a doença requer e indica o medicamento apropriado para a sua cura unicamente através dos sintomas. Como totalidade sintomática, compreende-se o conjunto de sintomas apresentados pelo paciente, que o individualizam em sua maneira própria e singular de adoecer. No parágrafo 18, Hahnemann destaca a importância da visão de totalidade na prática homeopática:

Desta indubitável verdade, isto é, que não há, de modo algum, nas doenças, salvo a *totalidade dos sintomas* e suas modalidades, nada que possa ser encontrado e que expresse a necessidade de intervenção do auxílio à doença, depreende-se, inegavelmente, que a essência de todos os sintomas percebidos e das circunstâncias em cada caso individual de doença é a única indicação, o único denotador do meio de cura a ser escolhido (1996, p. 80).

De acordo com Zoby (2004), conforme citado por Nechar (2009, p.49), diversos tradutores deram distintas versões à palavra “totalidade dos sintomas”, como “conjunto de sintomas”, “reunião de sintomas”, “soma dos sintomas”, e “essência de todos os sintomas”. O fato se deve à proximidade dos termos alemães *Inbegriff*, que significa o “conjunto característico”, em contraposição a *Gesamtheit*, que equivale a “totalidade numérica”, mudando completamente o sentido das expressões. Segundo o autor, Hahnemann afirmou, indubitavelmente, que a prescrição deveria ser baseada no *Inbegriff*, que corresponde aos sintomas físicos e mentais característicos da individualidade do paciente (sintomas idiossincrásicos), sem excluir os sintomas próprios da entidade clínica.

Ao se referir à totalidade sintomática como sendo o padrão característico do adoecer, Hahnemann não profere o termo “totalidade sintomática” como o agrupamento de todos os sintomas obtidos na consulta homeopática, mas refere-se ao conjunto de sintomas, dentre os obtidos na história mórbida do paciente, que o distinguem dos demais. Aqueles sintomas analisados, modalizados e detalhados, mostraram ser uma totalidade característica, revelando o modo de ser, sentir, pensar, agir e de se expressar do paciente. Em outras palavras, a totalidade sintomática expressa o mais raro, peculiar e característico desse ser humano.

Hahnemann, assim, propõe a não disjunção das partes, contemplando ao mesmo tempo e de forma interconectada os sintomas das várias dimensões do indi-

víduo, priorizando hierarquicamente aqueles mais individualizantes, sem excluir as entidades nosológicas.

A concepção de saúde e enfermidade como processos antagônicos, porém complementares, converge o pensamento homeopático para a epistemologia complexa, estudada por Edgar Morin, filósofo estudioso da Complexidade. O paradigma da Complexidade na visão de Edgar Morin, que apresenta em seu método uma nova lógica de pensamento e propõe a articulação dos conhecimentos e a não disjunção, o conhecimento do todo pela articulação das partes, abrangendo as implicações, as imbricações e as complexidades. Morin parte da teoria das incertezas e demonstra um novo princípio organizador, propondo em seu método a articulação das esferas física, biológica e antropológica dos fenômenos.

Em seu contexto epistemológico, toda a abordagem homeopática é complexa, desde a sua fundamentação, baseada na lei da similitude e experimentação no homem sadio (patogenética), quebrando o conceito de causa-efeito, um dos pilares da ciência moderna que embasou a medicina clássica. Na Homeopatia o sentido é que a mesma substância que provoca sintomas no indivíduo saudável, vai curá-los no indivíduo enfermo, ou seja, o que provoca também cura. A complexidade, cuja lógica observa as relações, contemplando ao mesmo tempo as ações globais e locais, apresenta-se na contemporaneidade e vem fundamentar a ciência homeopática. E na consulta médica as singularidades expostas através dos sintomas apresentados pelo indivíduo, vão sendo traduzidas e transpostas aos sintomas patogenéticos.

Verifica-se que os pensamentos de Hahnemann estão em concordância com os princípios da Complexidade em diversas passagens de sua doutrina, como por exemplo, quando reflete sobre as relações dos sintomas observados durante a abordagem homeopática, em seus Escritos Menores:

Quando necessitamos conhecer, para curar, a essência íntima de cada caso mórbido isolado, o qual se manifesta por meio de sintomas, cujo conjunto, intensidade individual, conexões e sucessão, estuda o verdadeiro observador. Depois de haver reconhecido todos os sintomas apreciáveis e existentes da enfermidade, o médico encontrou a enfermidade em si mesma; tem uma idéia completa dela, e sabe tudo o que deve saber para curá-la. O médico que quer tratar o quadro da enfermidade, só necessita observar com atenção e copiar com fidelidade. Deve fugir de conjecturas e suposições [...] Os sintomas mais singulares e mais extraordinários nos fornecem os traços característicos, distintos e individuais... O médico não tem necessidade mais do que de um conhecimento do modo do organismo se comportar no estado de saúde e o de manifestar-se na enfermidade individual. (2006, p.420).

O pensamento complexo exige a compreensão contextualizada das informações, a inter-relação das partes entre si com o todo e a articulação das múltiplas esferas: biológica (genótipo e fenótipo), social, política, imaterial (não mensurável ou detectável materialmente, como as dimensões da energia vital, da psique, da consciência).

Para se prescrever um medicamento homeopático, é preciso conhecer este ser por inteiro, corpo e mente, conhecer o doente com suas doenças, conhecer o todo(doente) a quem pertencem as partes (doenças). Não se prescreve para as doenças, mas para o sistema aberto (Edgar Morin chama de *Homo complexus* todas as facetas que compõem a condição humana: biológica, psíquica, social, afetiva e racional, comportando sabedoria e loucura, o prosaico e o poético), que foi quem as fez, com a plena convicção de que a resposta à medicação homeopática desencadeia uma atividade em todo o sistema, demonstrando a forma individual de cada um reagir, daí a incerteza. A incerteza, de um lado, para o observador que acompanha o movimento de todo o sistema, com as possibilidades de emergência de novas situações; por outro lado, reação plena de certezas para o *Homo complexus*, que está se reconfigurando através da informação contida no medicamento homeopático, com aspiração de cura e de reorganização de seu sistema, com tomada de consciência, e alívio de suas dores e desconfortos (doenças).

A lógica complexa está presente durante a consulta médica homeopática, com a coleta e a hierarquização de sintomas objetivos e subjetivos, incluindo o acompanhamento da evolução clínico-dinâmica. Pode-se discriminar os sintomas que expressam o desequilíbrio mais profundo e característico, considerando-se a natureza de cada paciente. Como Nassif explicita:

Na relação entre o propósito e fim de um sentimento, função ou ação, e o sentido e fim apropriado humano, determinamos, em primeira instância, se estes correspondem ao desenvolvimento do estado de harmonia, isto é, de saúde, ou se são manifestações sintomáticas de estado de desequilíbrio, ou seja, de enfermidade. (1995, p. 468).

A identidade do sentido lesional com a atitude mental do indivíduo sempre esteve presente em Hahnemann, que contemplava a absoluta unidade de todos os planos hierárquicos do homem, em uma unidade substancial de corpo e alma, onde a desordem dos planos imateriais se refletia nos planos materiais, e esses se influenciavam mutuamente, conforme Nassif.

Nem na saúde, nem na enfermidade, existe oposição entre as leis do espírito e as do biológico, senão a admirável coerência correspondente à relação entre a causa e seu efeito.

Assim, a mais grosseira lesão mostrará seu caráter de expressão plástica da má resolução do conflito transcendente. (1995, p. 469).

Ao tentar solucionar o problema do paciente, em que as suas singularidades, expostas através dos sintomas apresentados por ele, vão sendo traduzidas e transpostas aos sintomas patogenéticos, os profissionais habituados a pensar de forma cartesiana e polarizada, isto é, segundo a lógica excludente “ou um ou outro”, ficam travados nessa armadilha metodológica. Por exemplo, a armadilha metodológica é considerar inaceitável que o medicamento *Sulphur*, que ao ser experimentado despertou “desejo de doces” no experimentador, possa ser indicado para um paciente que traga como característica “aversão a doces”. Ou que o sintoma “tosse que melhora pelo repouso, ao se deitar” esteja presente em um paciente tratado pelo medicamento *Bryonia*, cuja experimentação despertou o sintoma “tosse que agrava ao deitar-se”. Estas e outras inúmeras polaridades e contradições das informações trazidas nas experimentações patogenéticas são contempladas satisfatoriamente pela lógica complexa, que acolhe os antagonismos presentes na natureza (Nechar, 2009).

A ação comunicativa durante uma consulta homeopática, por ser única e singular, leva à necessidade de despojamento do aprendido enquanto técnica semiológica. Quando o paciente procura um médico para um atendimento homeopático, durante a coleta de dados nada pode ser pressuposto, ao contrário de seu treinamento anterior, onde rotineiramente tudo é pressuposição. Na fase de anamnese homeopática, a probabilidade em se traçar um prognóstico preciso é mínima. Por lidar com a incerteza e a indeterminação, é preciso despojar-se da tradicional onipotência médica, especialmente da ideia de que podemos nos manter no controle absoluto de uma situação imprevisível, e de que isso pode ser benéfico ou desejável. Conforme Rosenbaum (2008), “trata-se de um exercício de controle: há que se suscitar uma capacidade (cúmplice, se possível) de surpreender-se.”

A dinâmica de atuação em uma consulta homeopática, para estabelecer diagnósticos e terapêutica ao final, não obedece a uma linearidade ou um padrão de conduta pré-definida. Pode-se afirmar que o especialista em homeopatia está condicionado a uma vivência pessoal, onde passa por uma construção individual a cada consulta, correlacionando o exame clínico de uma lesão com a totalidade sintomática do paciente, para indicar-lhe o medicamento mais semelhante. Desta forma, na prática, vai-se fundamentando o raciocínio homeopático.

Samuel Hahnemann, em sua genialidade e inteligência complexa, criou a doutrina homeopática resgatando princípios hipocráticos, construindo sua metodologia baseado em experiências, vivenciando fenômenos baseados em acuradas observações. No *Organon da Arte de Curar*, sua obra básica, instruiu a me-

lhora maneira de estabelecer a relação médico-paciente, em um passo a passo da conduta em uma coleta ideal de informações durante a consulta homeopática, além de estabelecer o seguimento adequado durante o tratamento. Chega até a atualidade praticamente invariado, fato que é bastante notável para um método que data do final do século XVIII.

RESUMO

A consulta médica tem um lugar especial no tratamento homeopático. Diferente do aprendido durante a formação hegemônica, em que as técnicas semiológicas se concentram na busca de sintomas para realizar o diagnóstico clínico, e daí estabelecer um tratamento para patologias pré-classificadas com protocolos pré-existentes, na Homeopatia é preciso reconfigurar alguns conceitos, que começam no ato da consulta. Na abordagem homeopática, onde a visão mecanicista deve ser acoplada ao paradigma vitalista, busca-se padrões e causas relacionados aos sintomas, acrescentando ao diagnóstico clínico também a individualidade, entre outros diagnósticos, para tratamento de forma integrada, em busca da cura ideal. O objetivo deste texto é analisar a consulta homeopática de acordo com as peculiaridades da racionalidade homeopática, construída por Samuel Hahnemann, em consonância com a epistemologia da complexidade, que embasa muitas outras áreas de conhecimentos na contemporaneidade, estudada por Edgar Morin.

ABSTRACT

Medical consultation has a special place in homeopathic treatment. Unlike what was learned during hegemonic formation, in which semiological techniques focus on searching for symptoms to make a clinical diagnosis, and then establishing a treatment for pre-classified pathologies with pre-existing protocols, in Homeopathy it is necessary to reconfigure some concepts, which begin at the time of consultation. In the homeopathic approach, where the mechanistic vision must be coupled with the vitalist paradigm, patterns and causes related to symptoms are sought, adding individuality to the clinical diagnosis, among other diagnoses, for integrated treatment, in search of the ideal cure. The objective of this text is to analyze homeopathic consultation according to the peculiarities of homeopathic rationality, constructed by Samuel Hahnemann, in line with the epistemology of complexity, which underpins many other areas of knowledge in contemporary times, studied by Edgar Morin.

REFERÊNCIAS

1. HAHNEMANN, S. *Doenças crônicas*. São Paulo: G. E. H. Benoit Mure, 1984.
2. _____. *Escritos menores*. Curitiba: Nova Época, 1991.
3. _____. *Organon da arte de curar*. São Paulo: Robe, 1996.
4. MORIN, E. *O método 1: a natureza da natureza*. Porto Alegre: Sulina, 2005b.
5. _____. *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Europa-América, 1996.
6. NASSIF, M. *Compêndio de homeopatia*. São Paulo: Robe, 1995.
7. NECHAR, R. *A Complexidade no Ensino da Homeopatia*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2009.
8. ROSENBAUM, P. *Novíssima Medicina*. São Paulo: Organon, 2008.